
Semiótica de uma personagem: como Virginia Fonseca construiu sua imagem na CPI das Bets¹

Ana Clara Allan Curty²
Julio Cesar Aguirre Caldas Júnior³
Letícia Giacoia Gripp⁴
Thaina Azeredo Da Fonseca Silva⁵
Letycia Gomes Nascimento⁶
Universidade La Salle Rio de Janeiro

Resumo

Este estudo realizou uma análise semiótica da construção da imagem pública de Virginia Fonseca durante a CPI das Bets, enfocando a comunicação não verbal expressa pela vestimenta e pela performance corporal. Utilizando os conceitos de Charles Peirce (2005) e Roland Barthes (2009), investigamos como trajes, gestos e posturas funcionam como signos que influenciam a percepção do público e moldam narrativas midiáticas. A pesquisa destaca a relação entre a cenografia do poder no ambiente da CPI e a disputa simbólica pela construção da identidade da influenciadora, evidenciando a mediação da imprensa e a cultura digital na formação da opinião pública.

Palavra-chave: semiótica; cultura digital; Virginia Fonseca; CPI das Bets; comunicação não verbal; performance corporal

Introdução

O fenômeno digital da CPI das Bets, especialmente envolvendo a influenciadora Virginia Fonseca, apresenta um campo fértil para a análise semiótica da comunicação não verbal. Em 13 de maio de 2025, a influenciadora digital depôs na Comissão de Inquérito Parlamentar (CPI) em razão de seu envolvimento com a divulgação do jogo digital de apostas “Tigrinho”. Na ocasião, a influenciadora foi convidada a prestar esclarecimentos sobre o jogo e seus ganhos com publicidade enganosa, proporcionais a quantidade de apostadores que ingressavam na plataforma utilizando seu link e perdiam dinheiro. Durante a sessão, a vestimenta e a performance corporal de Virginia desempenharam papéis centrais na construção da imagem pública, influenciando a recepção social e midiática. Deste modo, o artigo propõe analisar, com base na

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Comunicação e Interfaces – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 2º Semestre, do Curso Publicidade e Propaganda da Universidade LaSalle Rio de Janeiro, e-mail: curty.anac@gmail.com.

³ Estudante de Graduação, 2º Semestre, do Curso Publicidade e Propaganda da Universidade LaSalle Rio de Janeiro, e-mail: jcesar5069@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação, 2º Semestre, do Curso Publicidade e Propaganda da Universidade LaSalle Rio de Janeiro, e-mail: leticiaggripp@gmail.com.

⁵ Estudante de Graduação, 2º Semestre, do Curso Publicidade e Propaganda da Universidade LaSalle Rio de Janeiro, e-mail: thainaazeredosilva@gmail.com.

⁶ Orientadora do trabalho, professora do curso Publicidade e Propaganda da Universidade La Salle Rio de Janeiro. Coordenadora de Representações Discentes Laccops/CNPq. e-mail: letyciaanasc@gmail.com.

semiótica (Peirce, 2005), como os elementos visuais e corporais funcionam como sistemas simbólicos que negociam identidades e posições sociais. Este trabalho aplica as teorias de Peirce (2005) e Barthes (2009) para interpretar os signos visuais no contexto político e cultural da CPI enquanto fenômeno midiático.

A hipótese deste estudo é que a vestimenta de Virginia Fonseca na CPI das Bets funciona como um signo que contribui para a construção de sua imagem pública, através das escolhas de roupas e em sua relação com o ambiente institucional. Além disso, pretende-se investigar a comunicação não verbal por meio da performance corporal, incluindo gestos e expressões, para entender como essas manifestações podem influenciar a percepção do público. O estudo também busca analisar o papel do espaço físico da CPI como um elemento simbólico que reforça hierarquias e relações de poder, impactando a dinâmica do depoimento, em uma dinâmica própria do direito. Por fim, objetiva-se explorar a influência da cultura digital e dos memes na viralização do depoimento, avaliando como esses elementos contribuem para a formação e disputa da imagem pública da influenciadora.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa baseada na análise semiótica dos elementos visuais e comportamentais presentes no depoimento de Virgínia. Foram utilizados os conceitos de Peirce (2005) para classificar e interpretar os signos presentes na vestimenta, gestos e expressões faciais. Além disso, a análise considerou a cenografia do espaço da CPI como um componente semiótico que reforça hierarquias e relações de poder. A pesquisa também dialoga com teorias da cultura digital para compreender o impacto dos memes e da viralização na construção da imagem pública. A coleta de dados envolveu a observação de vídeos, imagens e reportagens midiáticas relacionadas ao depoimento.

Análise

O fenômeno digital da chamada “CPI das Bets”, envolvendo Virginia Fonseca, constitui um campo fértil para análise semiótica, especialmente no que se refere à comunicação não verbal por meio da vestimenta e da performance corporal. A semiótica, enquanto ciência dos signos e dos processos de significação, permite compreender como trajes, gestos e posturas produzem sentidos e influenciam a

percepção pública. Neste contexto, aplicam-se os conceitos de Charles Peirce e Roland Barthes para interpretar esses elementos.

Barthes (2009) compreende o vestuário como um sistema de signos socialmente codificados, no qual as roupas funcionam como uma linguagem capaz de transmitir valores e significados, tais como seriedade e profissionalismo, reforçando a imagem pública de quem deseja ser reconhecido em contextos de poder. Assim, quando Virginia Fonseca utiliza roupas formais, como blazers, camisas de corte reto e cores neutras, esses trajes funcionam como signos icônicos que evocam credibilidade, autoridade e alinhamento ao ambiente institucional (imagem 1). Em contraste, em momentos em que ela opta por roupas mais casuais (roupas esportivas, peças soltas ou jeans), a mensagem tende a ser mais desafiadora e autêntica, sinalizando proximidade com o público jovem e reforçando uma performance de resistência ou contestação ao *status quo* da CPI (imagem 2). A casualidade pode ser interpretada como um signo indicativo de informalidade e de rejeição parcial das regras de etiqueta do ambiente formal.

Imagem 1 - Virgínia com trajes formais em suas aparições públicas



Fonte: www.poder360.com.br

Imagem 2 - Virgínia na CPI com moletom e calça jeans



Fonte: jornaldebrasil.com.br

A performance corporal de Virginia é um conjunto complexo de signos não verbais que auxiliam na construção de sua persona. Expressões faciais, como sorrisos constantes, olhares diretos e, por vezes, desafiadores, são interpretadas como signos que indicam confiança e controle da situação. Sob a perspectiva peirceana, esses elementos configuram-se como ícones, pois representam visualmente emoções e atitudes, sendo interpretados pelo público como sinais de domínio e empoderamento. Os gestos, quando analisados, revelam variações entre defensivos (mãos junto ao corpo, cruzamentos) e agressivos (apontar, gesticular para enfatizar argumentos). Esses gestos são índices, na teoria peirceana, pois indicam estados internos e orientações comportamentais imediatas. (imagem 3). Por exemplo, gestos agressivos indicam tentativa de impor controle e desafiar interlocutores, enquanto gestos defensivos podem sinalizar vulnerabilidade ou recuo momentâneo.

Imagem 3 - Virgínia na CPI gesticulando



Fonte: Reprodução. Virgínia Fonseca durante depoimento na CPI das Bets. Elaborado pelos autores.

A estrutura do local da CPI cria uma cenografia do poder que reforça hierarquias e relações de controle. Virginia Fonseca está fisicamente posicionada em um contexto

que evidencia uma relação de desafio contra as figuras de autoridade (deputados, membros da CPI). A disposição da mesa, com hierarquias visuais claras (presidente da CPI em posição central, com maior destaque), cria um campo semiótico onde a posição relativa de Virgínia pode ser entendida como um signo da disputa pelo espaço simbólico de poder. A distância física entre Virgínia e os membros da CPI, bem como a orientação do corpo dela (voltada para o público ou para os interlocutores), indica tentativas de construir um posicionamento visual diferenciado, reforçando a performance da resistência ou da submissão estratégica, conforme o momento.

Barthes (2009) destaca que a moda constitui um sistema de signos que comunica valores e posições sociais. As escolhas de vestimenta de Virgínia Fonseca são códigos visuais que negociam sua identidade perante o público e a mídia, alternando entre a conformidade institucional e o desafio. Já Peirce (2005) classifica os signos em ícones, índices e símbolos: no contexto analisado, a roupa funciona como símbolo (por ser convencional e culturalmente codificada), o gesto e a postura como índices (por comunicarem estados emocionais ou intencionais) e as expressões faciais como ícones (por representarem visualmente emoções). A tríade peirceana aprofunda a compreensão dos elementos visuais enquanto formas de comunicação que transcendem a linguagem verbal. A performance corporal, portanto, não é apenas expressão espontânea, mas uma construção comunicativa intencional que dialoga com diferentes audiências, produz significados e pode alterar percepções no espaço midiático.

A análise semiótica da “CPI das Bets” destaca que a vestimenta e a performance corporal de Virgínia Fonseca são elementos centrais na construção da narrativa midiática e digital em torno desse fenômeno. As roupas aparecem como um sistema simbólico complexo, que dialoga continuamente com as percepções de credibilidade e contestação presentes no ambiente político e midiático. Paralelamente, a linguagem corporal se configura como um conjunto articulado de signos que expressam tanto estados emocionais quanto estratégias comunicativas, influenciando a recepção do público e moldando a interpretação dos acontecimentos. Além disso, a cenografia do poder, observada na disposição do espaço da CPI, reforça a dinâmica hierárquica do embate, evidenciando como o espaço físico também atua como uma dimensão semiótica fundamental para compreender a estrutura e os desdobramentos dessa manifestação pública.

A partir dessa perspectiva, torna-se imprescindível analisar que o depoimento de Virgínia Fonseca e a atuação dos parlamentares na CPI das Bets não se restringem a um embate institucional, mas configuram um verdadeiro espetáculo midiático. Conforme Soares e Michel (2011), a política contemporânea é fortemente influenciada pela lógica do espetáculo, em que meios de comunicação e agentes políticos atuam para a esfera da visibilidade pública, mobilizando emoções e seduzindo o público por meio de encenações estrategicamente planejadas. A construção de personagens — seja a imagem da “boa moça” por parte de Virgínia, seja a postura inquisitiva dos parlamentares — integra um teatro político que busca capturar a atenção e manipular a percepção coletiva, diluindo as fronteiras entre informação, publicidade e entretenimento. Nesse contexto, a racionalidade do debate é frequentemente substituída por estratégias de sedução, apelos emocionais e narrativas simplificadas, que levam o público a aderir a versões dos fatos previamente encenadas e midiaticamente amplificadas (Ferrés, 1998 *apud* Soares e Michel, 2011). Assim, tanto Virgínia quanto os parlamentares recorrem a recursos performáticos — gestos, vestimentas, discursos e enquadramentos midiáticos — para consolidar suas narrativas e influenciar o imaginário social, evidenciando a espetacularização da política e a crescente manipulação da opinião pública por meio do teatro midiático.

A forma como a história sobre Virgínia Fonseca se desenrola na CPI das Bets revela um processo intrincado de exaltação e incriminação, moldado tanto pela mídia quanto por figuras políticas, que se valem de táticas verbais e visuais para direcionar a opinião pública. Identificamos as táticas da seguinte maneira:

- Representação de Virgínia: A influenciadora foi mostrada de maneiras distintas: como uma "vítima" que parece inocente e confusa diante do cenário político, como "culpada" por sua ligação com a divulgação de jogos de azar e como uma "estrategista" que domina a arte da atuação e do marketing pessoal.

Embora algumas destas informações pareçam ser procuradas quase como um fim em si mesmo, há comumente razões bem práticas para obtê-las. A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada. (Goffman, 2014, p. 13)

Sua roupa na CPI, um moletom folgado com a imagem da filha e acessórios como o copo cor de rosa, foi visto como uma jogada pensada para transmitir uma imagem de juventude e fragilidade, enquanto sua postura e respostas mostravam controle e consciência do “palco” em que estava, revelando uma estratégia para atrair atenção e controlar a narrativa.

- Narrativas opostas: há um confronto nítido entre a versão apresentada por Virgínia — que se coloca como alguém que não entende completamente as acusações, quase como uma vítima das circunstâncias — e a versão dos acusadores, que a enxergam como parte do problema na promoção de apostas online. Essa disputa narrativa é marcada por uma tensão entre a imagem pública construída por Virgínia e as acusações que buscam responsabilizá-la, gerando um conflito de interpretações que mobiliza diferentes públicos.

- Memes e viralização: fragmentos editados e momentos específicos, como a frase "não sou obrigada", foram amplamente compartilhados, criando histórias e reforçando estereótipos ou críticas. A disseminação desses conteúdos nas redes sociais transformou o depoimento em um show, desviando o foco do debate técnico para o emocional e performático, o que demonstra como a cultura digital e os memes funcionam como ferramentas poderosas na construção e destruição de imagens públicas

Imagem 4 – Exemplo de meme realizado por internauta



Fonte: Reprodução do Instagram. Elaborado pelos autores.

A análise pode ser aprofundada com a semiótica da cultura de Lotman, que auxilia na compreensão de como símbolos (como a roupa, os gestos e objetos pessoais) comunicam mensagens específicas e constroem identidades culturais. A teoria do framing de Goffman (2014) é útil para analisar como os atores políticos e a mídia enquadram Virgínia de maneiras que influenciam a interpretação do público, selecionando certos aspectos da realidade para destacar e atribuir significados que reforçam a exaltação ou incriminação.

A história sobre Virgínia Fonseca na CPI das Bets é um exemplo marcante de como a política, a mídia e a cultura digital se entrelaçam para moldar imagens públicas, transformando um depoimento sério em espetáculo e disputando entre representações de vítima, culpada e estrategista, mediadas por estratégias simbólicas e frames discursivos.

A vestimenta e o discurso de Virgínia em seu depoimento na CPI das Bets funcionam como signos individuais que carregam mensagens específicas. No entanto, é através da mediação da imprensa que esses elementos ganham significado social. A mídia opera como um filtro, destacando alguns aspectos em detrimento de outros e, assim, moldando a percepção pública sobre o caso. Se analisarmos sob a perspectiva da Semiótica de Peirce (2005) a estratégia de Virgínia só tem impacto porque atua com base em uma convenção social, ou seja, com base na percepção das pessoas sobre sua postura e como interpretam o comportamento da influenciadora.

Na cobertura da CPI, o contraste entre a aparência despojada de Virgínia e o cenário formal do Congresso foi amplamente enfatizado, sugerindo uma possível intenção oculta de manipular a opinião pública a crer que ela estaria alheia a todo esse processo, reforçando sua imagem de uma mulher “ingênua”. Essa dinâmica revela um sistema semiótico bem pensado, no qual a infantilização de seus trajes e de seu comportamento prepara o público para interpretar seu discurso como “sincero” ou “vulnerável”.

Essa construção narrativa produz consequências concretas no campo simbólico e social. Ao reforçar estereótipos (como o da influenciadora “ingênua” e “vulnerável”) e ao polarizar as interpretações do público entre empatia e condenação, a imprensa exerce um papel ativo na formação da opinião pública. Esse processo evidencia as relações de poder envolvidas na produção de sentidos, pois quem controla a narrativa tem a capacidade de legitimar ou deslegitimar atores sociais e suas representações. Assim, o significado atribuído a Virgínia não é neutro, mas resultado de uma negociação simbólica que reflete interesses e valores sociais mais amplos.

No caso específico de Virgínia, a cobertura midiática ultrapassa a dimensão pessoal e transforma o episódio em um espaço de disputa política e cultural. A CPI das Bets deixa de ser apenas uma investigação institucional para se tornar um campo semiótico onde vestimenta, discurso e edição jornalística convergem para construir narrativas que repercutem sobre o papel dos *influencers* na sociedade.

Conclusão

Podemos compreender que Virginia Fonseca, além de ser uma das maiores influenciadoras do país — com mais de 50 milhões de seguidores no Instagram —, é também uma referência em estratégias de marketing e comunicação visual, pois escolhe minuciosamente suas roupas para cada ocasião, de acordo com a imagem que deseja transmitir. Segundo Charles Sanders Peirce (2005), os signos são entidades que representam algo para alguém, ou seja, são elementos que mediam a relação entre um objeto e seu interpretante, que corresponde à interpretação feita desse objeto (Peirce, 2005).

No caso da CPI das Bets, o posicionamento de Virginia é evidenciado tanto na escolha de sua apresentação pessoal formal — quando se veste com roupas que transmitem seriedade e profissionalismo, reforçando a imagem de empresária e influenciadora bem-sucedida — quanto na linguagem corporal e nas falas. Essa escolha formal comunica credibilidade e alinhamento ao ambiente institucional, funcionando como um signo simbólico que reforça seu status (Barthes, 2009).

Por outro lado, em ocasiões formais como um depoimento na Comissão de Inquérito Parlamentar no Senado Federal, Virginia optou por uma estética despretensiosa e casual — usando moletom com o rosto da filha, maquiagem leve, óculos e calça jeans — que, segundo Laface (2025) especialista em comunicação visual, foi estrategicamente pensada para transmitir uma imagem de vulnerabilidade, juventude e inocência. Essa construção simbólica buscou gerar empatia e suavizar a percepção de responsabilidade, criando a persona da “boa moça” quase alheia à gravidade do tema.

Assim, a comunicação não verbal de Virginia Fonseca, por meio da vestimenta e da performance corporal, revela uma estratégia semiótica complexa, na qual diferentes signos visuais são mobilizados para negociar sua identidade e posicionamento diante de audiências distintas. Em uma estratégia que apresenta as competências e estratégias profissionais dos influenciadores digitais, especialmente a expertise transmidiática; a identificação de tendências e a gestão de visibilidade apontados por Karhawi (2022).

Referências

BARTHES, Roland. **O Sistema da Moda**. São Paulo: Editora Nacional, 2009.

BRODEN, Thomas F. Semiologia/semiótica em Saussure e Jakobson: conceitos, filiações, debates. **Revista do GELNE**, Natal/RN, v. 19, n. Especial, p. 299-309, 2017.

CNN Brasil. Saiba o que disse Virgínia à CPI das Bets. **CNN Brasil**, 13 maio 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/saiba-o-que-disse-virginia-a-cpi-das-bets/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2014.

G1. Virgínia Fonseca durante sessão da CPI das Bets. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/05/13/influenciadora-virginia-fonseca-depoe-a-cpi-das-bets-com-aval-para-ficar-em-silencio.ghtml>. Acesso em: 3 jun. 2025.

JORNAL DE BRASÍLIA. O look da CPI que Virgínia usou que está causando estranheza. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/entretenimento/katia-flavia/o-look-da-cpi-que-virginia-usou-que-esta-causando-estranheza/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

LAFACE, Clara. **Consultora de imagem pessoal**. Comentários sobre o visual de Virgínia Fonseca na CPI das Bets. Splash, 13 maio 2025. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2025/05/13/virginia-encarna-estetica-da-bom-mo-da-cpi-das-bets-diz-consultora.htm>. Acesso em: 3 jun. 2025.

NICOLAU, Marcos et al. Comunicação e Semiótica: visão geral e introdutória à Semiótica de Peirce. **Revista eletrônica temática**, v. 6, n. 08, 2010.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PICHONELLI, Matheus. Em CPI das Bets, Virgínia Fonseca finge ter 12 anos. E senadores também. **UOL**, 13 de maio de 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/opiniaio/coluna/2025/05/13/em-cpi-das-bets-virginia-fonseca-finge-ter-12-anos-e-senadores-tambem.htm>. Acesso em: 2 jun. 2025.

PODER360. **A inocência da maternidade**: estratégia de Virgínia para a CPI das Bets. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/opiniaio/a-inocencia-da-maternidade-estrategia-de-virginia-para-a-cpi-das-bets/>. Acesso em: 3 jun. 2025

SOARES, Felipe; MICHEL, Margareth de Oliveira. Jornalismo, Publicidade e Política: espetáculo midiático. In: **Anais** do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Londrina, 2011.

VEJA. **O pior da semana**: o papelão de Virgínia Fonseca na CPI das Bets. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/o-pior-da-semana-o-papelao-de-virginia-fonseca-na-cpi-das-bets/#google_vignette.